

Seção III - Ensino de geografia: dimensões práticas para o cotidiano  
em sala de aula  
**A literatura como recurso no ensino de geografia: 7º ano do  
ensino fundamental**

Luziana Carvalho dos Santos  
Glória Maria de Oliveira Silva  
Tereza G. N. Torezani Fontes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, L.C., SILVA, G.M.O., and FONTES, T.G.N.T. A literatura como recurso no ensino de geografia: 7º ano do ensino fundamental. In: TRINDADE, G.A., MOREIRA, G.L., ROCHA, L.B., RANGEL, M.C., and CHIAPETTI, R.J.N. *Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas para a sala de aula* [online]. Ilhéus: Editus, 2017, pp. 251-264. ISBN: 978-85-7455-526-3.  
<https://doi.org/10.7476/9788574555263.0016>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# A LITERATURA COMO RECURSO NO ENSINO DE GEOGRAFIA:

7° ano do ensino fundamental

*Luziana Carvalho dos Santos*  
*Glória Maria de Oliveira Silva*  
*Tereza G. N. Torezani Fontes*

## INTRODUÇÃO

O estudo em questão é uma pesquisa bibliográfica referente ao ensino de Geografia e à relevância de textos literários, bem como a preparação de uma proposta didática para as aulas de Geografia. O ensino, precisamente o de Geografia, muitas vezes está sendo transmitido a partir de aulas tradicionais, nas quais o aluno é obrigado a memorizar o conteúdo, esquecendo que “O ensino de Geografia, seja ele em qual nível for, deve buscar a totalidade-mundo” (STRAFORINI, 2004, p. 84).

O processo de ensino e aprendizagem é imbuído de uma série de significados. O ato de ensinar e, sobretudo, de aprender, é carregado de buscas e muita reflexão. Educar não é um ato de transmissão de saberes, pois, nesse processo, tanto professor quanto alunos se envolvem num movimento contínuo de troca. Procurar buscar e utilizar metodologias que assegurem não só o conteúdo, mas a garantia da aprendizagem por parte do aluno, tornando o ensino de Geografia mais prazeroso e, sobretudo, atraente.

O estudo tem como objetivo principal analisar a linguagem geográfica presente nos textos literários, aplicados no ensino de Geografia no 7° ano do ensino fundamental. Como objetivos específicos, discutir a importância do texto literário para o ensino de Geografia, propor a utilização de textos literários para o ensino de Geografia do 7° ano do ensino fundamental e, ainda, elaborar uma proposta didática de como usar os textos literários.

Utilizar metodologias de ensino que consigam inserir os alunos no seu contexto social, através de diálogos abertos, irá tornar o ensino da Geografia algo produtivo e interligado às inovações do mundo moderno, no qual nossos alunos estão inseridos.

Entende-se que a busca por novas formas de aprendizagem deve fazer parte do cotidiano dos professores. Quando se chega à sala de aula, muitas vezes, os alunos já estão cansados e sem ânimo para trocarem as experiências vividas com as que a escola tem a oferecer. Segundo Straforini (2004, p. 81), “O aluno deve ser inserido no que se está estudando, proporcionando a compreensão de que ele é um participante ativo na produção do espaço geográfico”.

Inovar as aulas de Geografia é torná-las interessantes e críticas, pois instiga a curiosidade dos alunos e interliga assuntos que, nos livros didáticos, parecem não ter conexão. De forma mais específica se pode dizer que, além de uma renovação no modo de ensinar, a construção do conhecimento, através de metodologias variadas, é uma atividade que aproxima o aluno da realidade que o cerca e o faz entender melhor sua relação com o mundo.

## O ENSINO DE GEOGRAFIA NA SALA DE AULA

O ensino de Geografia no Brasil está intimamente ligado à fundação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934. Inicialmente era concedido ao profissional habilitação para também ensinar História. Em 1957, com a separação entre esses dois cursos, a Geografia passou a ser trabalhada e pensada como uma disciplina meramente decorativa, enfadonha, descritiva, em que a habilidade da memorização era extremamente valorizada. Como fonte de conhecimento, o professor se baseava no livro didático como forma de transmissão do conteúdo, muitas vezes desconectados e não relacionados com a realidade do aluno e sua relação com o meio:

O que ocorre na realidade é que os professores (todos), obviamente os de Geografia também, estão envolvidos num processo dialético de dominação, qual seja, o professor foi educado a ensinar sem pôr em questão o conteúdo dos livros didáticos, sem que o produto final de seus ensinamentos fossem ferramentas com as quais eles e seus alunos vão transformar o ensino que praticam e, certamente, a sociedade em que vivem (OLIVEIRA, 1990, p. 28).

Desta forma, ensinar Geografia é transmitir conceitos do mundo em que todos estão inseridos, assim conforme ressalta Lacoste (1989, p. 251):

Para fazer compreender quais são os problemas fundamentais que coloca o ensino da Geografia e a importância das

lutas, parece-me indispensável lembrar isso: a Geografia já existia bem antes que aparecesse, no século XIX, sua forma escolar e universitária. Desde há séculos, desde que existem os mapas, ela é um saber indispensável aos príncipes, aos chefes de guerra, aos grandes comissários do Estado, mas também aos navegadores e aos homens de negócios, ao menos para aqueles cujo espírito de empreendimento se exerce além do quadro espacial que lhes é familiar.

Geralmente o que acontece em sala de aula é uma preocupação por parte dos professores, especificamente os de Geografia, em abordar tudo o que está nos livros didáticos, esquecendo-se de selecionar o que realmente tem importância para a vida do aluno enquanto cidadão. Segundo Pontuschka (2009, p. 98),

A falta de domínio de conceitos básicos por parte dos alunos, sobretudo em Geografia, envolvendo conhecimentos tanto da natureza quanto da sociedade, levam os professores, muitas vezes com certo desespero, a tentar abarcar uma gama enorme de conteúdos na tentativa de suprir essa deficiência. Tal prática com frequência se revela frustrante justamente porque não só é impossível dar conta de todo o conteúdo, mas, em muitos casos, ele é abordado de forma desligada da realidade.

A Geografia é uma ciência rica em seu conteúdo, sendo o espaço geográfico seu campo de estudo. Assim, cabe aos professores aprimorar suas formas de ensinar, a fim de satisfazer os anseios dos alunos, pois, em muitos casos, somente levam textos desconectados e complexos, os quais têm pouco a ver com a realidade cotidiana destes, não exercendo suas capacidades de reflexão. Em conformidade com Castrogiovanni (1999, p. 129),

A seleção do material didático utilizado deve ser alvo de uma constante discussão; inicialmente, deve ser feita uma reflexão profunda, a partir de questões metodológicas da Geografia.

No processo de ensino-aprendizagem é vital a interação do professor e aluno. Juntos podem ampliar o conhecimento e fazer com que o ensino de Geografia se insira em um novo patamar na educação. Para tanto:

O professor deve deixar de dar os conceitos prontos para os alunos, e sim, juntos, professor e alunos participarem de um processo de construção de conceitos e de saber. Nesse processo, o professor deixa de ser um mero transmissor de conhecimentos e o aluno mero receptáculo do saber (OLIVEIRA, 1990, p. 140).

Castrogiovanni (1999, p. 66) afirma que

É fundamental de parte do professor uma atitude de questionamento, de provocação, de abertura à inquietude, curiosidade, deslumbramento do aluno, dos muitos mundos que os alunos representam.

O professor deve estar atualizado com métodos novos de ensino e estimular o aprender, mas como fazer? Desta forma:

O objetivo dos professores compromissados com o ensino é fazer escolhas ou opções que elevem os alunos a patamares superiores do ponto de vista da abstração e da consciência sobre a importância do conhecimento do espaço geográfico para sua vida como ser humano e como cidadão participante deste mundo complexo (PONTUSCHKA et al., 2009, p. 76-77).

No 7º ano do ensino fundamental os objetivos não devem ser diferentes dos demais, porém, é importante lembrar das peculiaridades didáticas próprias desse ano escolar:

Alguns pesquisadores como Callai (1998), Gebran (1990), Le Sann (1997) e Kaercher (1998) vêem no ensino de Geografia para crianças uma das possibilidades da formação do cidadão através de um posicionamento crítico em relação às desigualdades sociais identificadas na realidade concreta das crianças (STRAFORINI, 2004, p. 79).

Os alunos são os principais protagonistas do conhecimento, assim, o professor deverá planejar suas aulas numa sequência lógica que possibilite despertar as habilidades dos alunos para desvendarem as interações que ocorrem no espaço de sua vivência. Nesse sentido, Claval (1999, citado por LIMA, Angélica; LIMA, José, 2007, p. 6) aponta a literatura como um caminho seguro a ser percorrido pela Geografia:

O romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos de seus personagens e através de suas emoções.

A Geografia possibilita conhecer outros espaços e modos de vida sem, necessariamente, estarmos no lugar estudado, pesquisado, imaginado. As obras literárias são uma forma de experienciar os diversos lugares, os diversos “mundos”.

## A LITERATURA COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Os textos literários descrevem paisagens geográficas e relatam passagens históricas de extrema importância para a formação do leitor, bem como citam características de diversos personagens, relacionando-os à vida dos diferentes cenários brasileiros.

Assim, Silva (2003, p. 516) afirma que: “É justamente na troca de experiências e histórias de leitura que, de fato, ocorre a interação entre textos e leitores”. Desta maneira, a literatura pode ser algo construído historicamente. Os alunos serão capazes de experienciar o viés cultural e, sobretudo, geográfico nos textos. Ainda para Silva (2003, p. 516):

A leitura é trabalhada no espaço escolar, tendo como objetivo final alguma estratégia de avaliação, o que coloca o aluno diante de uma tarefa árdua: é preciso ler para fazer exercícios, provas, fichas de leitura, resumos, enfim, o ato de ler visa cumprir tarefas escolares.

Vale ressaltar que, no Brasil, a educação passa por mudanças profundas, conforme destaca a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, no seu artigo 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

O papel da escola, no século XXI, é formar alunos críticos, que deixam de ser meros reprodutores do conhecimento, tendo autonomia de relacionar o que leem com o que ocorre no mundo. Assim, Brito (1999, citado por SILVA, 2003, p. 515) afirma que.

A leitura tem de ser pensada não apenas como procedimento cognitivo ou afetivo, mas principalmente como ação cultural historicamente constituída. Essa noção da leitura como ato de posicionamento político diante do mundo, precisa estar presente na prática de sala de aula. Os alunos deveriam ser capazes de “experienciar” o ato de ler como uma ação cultural, em que o leitor tem papel dinâmico nas redes de significação do texto (SILVA, 2003, p. 515).

A busca por metodologias que consigam levar o conteúdo ao aluno de maneira mais compreensível, seja através do livro didático, o qual é um importante apoio, não devendo ser o único meio, ou através de outras tecnologias e criatividade, é que irá diferenciar um professor de qualidade.

Cabe ao professor a responsabilidade de levar, à sala de aula, maneiras diversificadas de apresentação destes conteúdos, o que levará a um processo de motivação da turma, pois ensinar Geografia utilizando os recursos disponíveis ao alcance do aluno propicia a busca por novas formas de ver e pensar a Geografia.

No processo de ensino-aprendizagem de Geografia, as palavras-chave das categorias de análise geográfica, por meio dos textos literários no 7º ano do ensino fundamental, ganham uma conotação mais expressiva com o auxílio da literatura. Nesse contexto, o professor pode se apropriar das várias linguagens e meios de comunicação para ensinar a decodificação, a análise, a interpretação e o uso de dados e informações, e desenvolver, no aluno, novas formas de aprender com poder de reflexão e visão crítica.

Deste modo, o conhecimento geográfico reflexivo e contextualizado será o alicerce que solidificará a interação das vivências e dos conceitos descritos nos textos, causando um estímulo à formação destes através dos textos literários.

É necessário buscar novas práticas de ensinar Geografia, construindo um diálogo presente nos textos literários. Na escola, esta associação leva à discussão dos conceitos geográficos nos textos, proporcionando ao aluno trocar experiências, valorizando a interpretação do aluno frente ao conteúdo. Retomando Lacoste (1989, p. 248),

Nas descrições ou explicações geográficas não há qualquer ‘suspense’ para manter o interesse dos alunos e é preciso muito talento e competência para que tal discurso não acarrete aborrecimento.

Em sala de aula o aluno será orientado na leitura dos textos literários, identificando as palavras-chave que serão utilizadas na aula para abordagem daquele conteúdo. Pontuschka (2009, p. 236) assinalou que:

A literatura é fonte de prazer, mas não é só isso. É igualmente modo de conhecer o mundo. Nós não teríamos condições de conhecer o mundo, o todo da vida dos homens, apenas no curto período de tempo de nossas vidas.

A maneira pela qual usamos a palavra, os termos utilizados, as construções sintáticas também forma a consciência e ajuda a reforçar ou desmistificar certos valores. É fato que as conexões entre Geografia e literatura existem, tendo como suporte os discursos teóricos, os quais investigam a interrelação entre concepções de leitura, texto e literatura presentes em sala de aula (SILVA, 2003).

Assim, os geógrafos podem extrair, da literatura, uma grande quantidade de informações e mensagens, que, embora possam parecer subjetivas, apresentam, sob outros “olhos”, a realidade, a experiência e os significados de um lugar, estimulando e desenvolvendo o conhecimento através da sensibilidade e das representações mentais. Vlach (1987, p. 43) aponta que “O conteúdo tradicional separa sujeito e objeto. Mas, ao separá-los, faz uma opção pelo objeto do conhecimento, negando, por conseguinte, o sujeito”. A literatura permite inferir que há uma ênfase na discussão do espaço enquanto objeto da Geografia.

Autores do cenário nacional e regional, como Raquel de Queiroz, Euclides da Cunha, Durval Muniz, Lurdes Bertol Rocha também destacaram, de maneira peculiar, a importância da Geografia da Região Nordeste presente na literatura.

Documentos fundamentais que subsidiam o professor, como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam-se para análise e reflexão do fazer pedagógico em Geografia. Sendo assim, fazer compreender a disciplina Geografia é importante no processo de construção do espaço geográfico. Conforme os PCN (2000, p. 117):



A Geografia, ao pretender o estudo dos lugares, suas paisagens e território, tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informação. Mesmo na escola, a relação da Geografia com a Literatura, por exemplo, tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura do espaço e da paisagem. É possível aprender Geografia desde os primeiros ciclos do ensino fundamental pela leitura de autores brasileiros consagrados — Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre outros — cujas obras retratam diferentes paisagens do Brasil, em seus aspectos sociais, culturais e naturais.

Através da utilização da literatura como recurso didático nas aulas de Geografia, o aluno terá oportunidade de se desenvolver criticamente, formando opinião própria. Com essa prática, as aulas tornar-se-ão mais atrativas para quem ensina e, principalmente, para quem aprende, estabelecendo-se, assim, a relação do ensino-aprendizagem. Além de ajudar no desenvolvimento da linguagem e na apresentação de conteúdos programáticos, a literatura tem, indubitavelmente, um imenso potencial de promover diversos processos de aprendizagem.

Os livros podem ser utilizados na sala de aula como uma forma de introduzir temas e lições práticas, como política, questões socioeconômicas e aspectos culturais que afetam e regulam a dinâmica da vida em sociedade (NAIDITCH, 2008, p. 2).

É importante salientar que cabe à Geografia relacionar (posicionar) o sujeito ao espaço no qual este se insere. Incluir atividade em sala de aula, como criação de *blogs* e grupos virtuais para divulgação dos trabalhos construídos pelos alunos, estimularia o desenvolvimento no processo da aprendizagem.

## METODOLOGIA

Essa pesquisa teve como base uma análise descritiva e bibliográfica, sob a forma de revisão de literatura, atentando para a relevância da importância da literatura no ensino de Geografia, no ensino fundamental.

Os autores utilizados como referencial teórico da nossa pesquisa foram Castrogiovanni (1999), Straforini (2004), Oliveira (1990) e Pontuschka (2009), da área de ensino de Geografia; além de Pereira (2007) e Rocha (2008), sobre as questões literárias no ensino de Geografia.

A *priori* foi feito um levantamento bibliográfico referente ao ensino de Geografia na sala de aula, analisando a construção da linguagem geográfica nos textos literários selecionados previamente.

Foram utilizadas quatro coleções para análise de livros didáticos do 7º ano do ensino fundamental, que tratam de temas relacionados aos conteúdos específicos da Região Nordeste brasileira: Geografia nos dias de hoje, de autoria de Giardino, Ortega e Chianca (2012); Projeto Radix – Geografia, escrito por Pires e Belluci (2012); Geografia, sociedade e cotidiano – espaço brasileiro, dos autores Bigotto, Vitiello e Albuquerque (2012); e Expedições Geográficas, de autoria de Adas (2012).

A aprendizagem deve ser estimulada no ambiente escolar pelo professor de Geografia, criando-se situações para que o aluno perceba a Geografia presente nos textos literários selecionados para suporte do trabalho. Diante dessa observação e da aplicação de textos literários, a relação entre a literatura e a linguagem geográfica permite a integração do aluno e a relação dos assuntos a serem explanados e aplicados. Através dos textos literários ele poderá relacionar os conceitos partindo de suas vivências.

A proposta de ensino de Geografia com textos literários consiste em que, ao elaborar o planejamento anual, o professor de Geografia indique o texto a ser trabalhado na Unidade que corresponda ao tema Região Nordeste, por exemplo, propondo atividades a serem aplicadas aos alunos. É importante que o professor “tenha em mãos” diversas possibilidades ao utilizar as ferramentas pedagógicas necessárias para que os alunos melhor compreendam os textos literários, desde tecnológicas (computadores, *datashow*, etc.) até as mais simples (papel metro, papel A4, lápis de cor, hidrocor, etc.).

Ao utilizarem ferramentas pedagógicas diferenciadas, os alunos podem relacionar os assuntos, fatos, etc., aprendidos na Geografia, ao seu cotidiano, conhecendo a Região Nordeste brasileira, podendo, então, construir e reconstruir seu espaço geográfico.

## IMPORTÂNCIA DO TEXTO LITERÁRIO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

No ensino de Geografia, ao desenvolver a leitura de textos literários em sala de aula, o professor deverá, junto com seus alunos, analisar o conteúdo geográfico descrito nas obras, fazendo uma relação entre esses textos, a Geografia e o cotidiano dos alunos, permitindo que eles percebam que a literatura é construção de espaços vividos (SILVA, 1998).

É possível dizer que, por meio das obras literárias, o conhecimento é muito mais amplo. Através da literatura a visão transdisciplinar é percebida e, assim, “A literatura é capaz de interrelacionar dimensões” (FERREIRA, 2007, p. 112). A aproximação da Geografia com a literatura, no âmbito escolar, sugere que o espaço geográfico é um componente social, o espaço é construído por fenômenos sociais, produto da vivência cotidiana do aluno. De acordo com Spegiorin (2007, p. 31), “O espaço geográfico revela e materializa as relações sociais, propiciando uma reflexão crítica sobre a realidade, o que contribui para o desenvolvimento da cidadania”.

Trata-se, portanto, de aliar o texto literário ao tempo histórico e social no contexto escolar, atrelados ao espaço onde o aluno está inserido. Silva (2003, p. 515) afirma que:

Os alunos deveriam ser capazes de ‘experienciar’ o ato de ler como uma ação cultural, em que o leitor tem papel dinâmico nas redes de significação do texto (grifo do autor).

É justamente nas trocas de experiência que os conceitos peculiares à Geografia serão reforçados. Assim,

É necessário que exista uma intencionalidade político-pedagógica presente em todas as atividades planejadas pelo professor, através da conscientização e da valorização do papel dessa ciência na educação (SPEGIORIN, 2007, p. 31).

A utilização de textos literários é uma possibilidade e potencialidade que promove a interação de fatos narrados pelos autores com o ensino (experiência) interativo do conteúdo. Os textos, sendo trabalhados de forma correta, terão a finalidade de relacionar diversas áreas do conhecimento.

## TEXTOS LITERÁRIOS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Um dos livros indicado para trabalhar a Região Nordeste é “FACES DO SERTÃO”, de autoria de Luis Fernando Pereira. Nele, o autor descreve a paisagem do sertão nordestino da Bahia, no formato de um verdadeiro diário de bordo, no qual conta a aventura de Ivan e Jorge, que pretendem achar parte da família desconhecida de Jorge no interior da Bahia. Em um dos temas exposto, o autor fala que os sertões haviam mudado. Em terras mais

altas o verde aparecia mais nas gramíneas, e os arbustos baixos, espinhosos e retorcidos eram mais raros, mas a terra continuava seca, voando com o vento (PEREIRA, 2007). O livro nos leva a descobrir mais da paisagem e do povo que vive nessa região. A caatinga passa a ser apaixonante, pois mesmo com os desafios, a luta é constante. Neste contexto o autor destaca que:

Ivan já se sentia um homem feito de terra. Seu rosto, parte pelo sol, parte pela areia marrom que o vento trazia, estava mais moreno que costume. Ficava pensando em quantas pessoas da sua idade, vivendo em São Paulo, haviam tido a oportunidade de conhecer aquilo que ele estava vendo naquele momento. Ver que a criação de cabritos e cabras era quase regra em todos os sítiosinhos. Que no meio do sertão havia aquele oásis sobre a serra, com cidades tão pequenas quanto um bairro, menores, muito menores até! Cidades de uma rua! Imaginava como seria a vida daquelas pessoas, o que fariam, qual a diversão que tinham quão frequentemente saíam dali para outros lugares (PEREIRA, 2007, p. 32-33).

Rachel de Queiroz, em seu romance “O Quinze”, referindo-se à seca do Ceará de 1915, descreve o conflito entre homem e natureza numa temática social, na qual conta a história da migração de um retirante nordestino e sua família. Na escrita está explícita a grandiosidade dos personagens diante da vida na seca. Viver passa a ser um desafio diário para os que estão inseridos nesse entrave da natureza. Queiroz (1930, p. 105-106) esclarece parte da problemática da migração:

O vaqueiro pigarreou, cuspiu para o lado, procurou a frase inicial: – Minha comadre, quando eu saí do meu canto era determinado a me embarcar para o Norte. Com a morte do Josias e a fugida do outro, a mulher desanimou e pegou numa choroadeira todo dia, com medo de perder o resto [...]. Eu queria primeiro que a senhora desse uns conselhos a ela; e depois que me arranjassem umas passagenzinhas *pro* vapor. Esse negócio de morrer menino é besteira [...]. Morre quando chega o dia, ou quando Deus Nosso Senhor é servido de tirar [...]. Conceição mordeu o lábio, pensativa: – Isso não, compadre! Eu acho que a comadre tem uma certa razão [...]. Estas crianças não suportam uma viagem numa gaiola, de Amazonas acima [...].

A obra descreve cenas pitorescas do interior do Ceará, durante o período da seca de 1915. Essa narrativa mostra o cotidiano de duas famílias que, por causa da seca, acabam tendo suas vidas entrelaçadas, uma com maior condição financeira e cultural, e outra com vida humilde e modesta.

## REFERÊNCIAS

- ADAS, M. **Expedições Geográficas, 7º ano**. São Paulo: Moderna, 2011.
- BIGOTTO, J. F.; VITIELO, M. A.; ALBUQUERQUE, M. A. M. de A. **Geografia, sociedade e cotidiano: espaço brasileiro, 7º ano**. 4. ed. São Paulo: Escala Educacional, 2012.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Brasília, DF: Ministério de Educação e Cultura, 2000.
- CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- FERREIRA, H. M. **A literatura na sala de aula: uma alternativa de ensino transdisciplinar**. 2007. Disponível em: <[http://bdtd.bczm.ufrn.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1538](http://bdtd.bczm.ufrn.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1538)>. Acesso em: 12 ago. 2012.
- GARCIA, V. P.; BELLUCI, B. **Projeto Radix: Geografia**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2012.
- GIARDINO, C.; ORTEGA, L.; CHIANCA, R. B. **Geografia nos dias de hoje, 7º ano**. São Paulo: Leya, 2012.
- LACOSTE, Y. **A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1989.
- LEI de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso: 12 ago. 2012.

LIMA, A. M., LIMA, J. A. S. **Geografia e literatura** – Monteiro Lobato e as histórias do mundo para crianças: como o nosso mundo começou. [s.l., [21--]]. Disponível em: <[http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Gloria/2013/1s/flg\\_0702/usoliteraturafilmesensinogeografia.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Gloria/2013/1s/flg_0702/usoliteraturafilmesensinogeografia.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2012.

MUNIZ JUNIOR, D. de A. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

NAIDITCH, F. **Literatura multicultural e diversidade na sala de aula**. [Porto Alegre, [21--]]. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/5126/3765>>. Acesso em: 12 ago. 2012

PEREIRA, L. F. **Faces do Sertão**. São Paulo: Escala Educacional, 2007.

QUEIROZ, R. **O Quinze**. 56. ed. São Paulo: Siciliano, 1930.

ROCHA, L. B. **A região cacauera da Bahia** – dos coronéis à vassoura-de-bruxa: saga, percepção, representação. Ilhéus: Editus, 2008.

ROCHA, L. B.; MOREIRA, E. **A cidade em tela**: Itabuna e Walter Moreira. Ilhéus: Editus, 2010.

SILVA, I. M. M. **Literatura em sala de aula**: da teoria literária à prática escolar. [S.l., [21--?]]. Disponível em: <[http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/Melhoresetesesdiserta/5.2\\_Ivanda.pdf](http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/Melhoresetesesdiserta/5.2_Ivanda.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2012

SPEGIORIN, M. de T. e S. **Por uma outra Geografia Escolar**. São Paulo: PUC, 2007.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia**: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.

OLIVEIRA, A. U. de (org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990.

PONTUSCHKA, N. N. et al. **Para ensinar e aprender Geografia.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VLACH, V. R. F. Fragmentos para uma discussão: método e conteúdo no ensino da geografia de 1.º e 2.º graus. In: VESSENTINI, J. W. **O Ensino da Geografia em questão e outros temas.** São Paulo: Terra Livre, 1987.



**IMPrensa UNIVERSITÁRIA**

---

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA